

PINGA-FOGO

■ **ESTILOS BEM DIFERENTES** - A temperatura ficou elevada nesta quinta na política do Rio. O Governador Cláudio Castro embarcou às 15 horas, na TAP, para uma viagem de bate e volta a Lisboa. Assumiu o governo o deputado Rodrigo Bacellar, presidente da Alerj, que cumpriu o que prometeu: exonerou em rito sumário o secretário de Transportes, Washington Reis, que passou as duas últimas semanas esticando a corda ao máximo.

■ No confronto no plenário da Alerj com o colega deputado Rosenverg Reis, Rodrigo Bacellar afirmou "eu não sou o governador Cláudio Castro". Ficou claro que são dois estilos diferentes. O governador possui uma tolerância conventual, capaz de uma capacidade extraordinária de resiliência e de não pensar com o fígado, promovendo o equilíbrio e a conciliação.

■ No caso de Reis, uma equação adicional, que poucas pessoas lembram: a proteção da família Bolsonaro. No evento da Avenida Paulista, o senador Flávio Bolsonaro afirmou que existe realmente um compromisso da família com Reis. Washington tenta derrubar a sua inelegibilidade, mesmo que para isso seja obrigado a flertar com Paes e o próprio Lula, criando o BolsoLula.

■ Neste episódio da exoneração não se deve vitimizar Washington Reis. Ele protagonizou vários casos de insubordinação e de contraponto ao governador. O que ele queria com isso? Provocar uma crise? Só há crise com a demissão para quem não percebeu que Rodrigo Bacellar é uma pessoa e Cláudio Castro é outro.

■ As cartas estão na mesa. Castro tem o seu estilo e Bacellar o seu. Washington deixou isso bem claro. A classe política agora já tem uma visão do estilo de cada um.

■ O TREM FANTASMA DE MISTER KING - A gestão de Washington Reis vai ter de explicar à justiça como conseguiu incluir 116 vagões de trens da Central do Brasil, para pagamento de uma dívida de R\$ 1 milhão. Cada vagão saiu por módicos R\$ 8 mil.

■ O Dr. Daniel Calafate Brito - Juiz em Exercício da 1ª Vara da Fazenda Pública, determinou a suspensão dos efeitos da homologação do Acordo em id. 4036 até a decisão dos presentes Embargos, notadamente a dação em pagamento dos bens (adjudicação) dos 116 vagões.

■ O processo 0037260-17.1997.8.19.0001, que tem como autor o ESPÓLIO DE LUIZA CARVALHO NICANOR TOMAZ e como Réus a FLUMITRENS e COMPANHIA ESTADUAL DE ENGENHARIA DE TRANSPORTES E LOGÍSTICA - CENTRAL,

de um acidente rodoviário, foi usado como pano de fundo para o negócio que envolve 116 vagões de trem. Eles foram adjudicados para quitação de uma dívida, que hoje não passaria de R\$ 1 milhão. A primeira decisão judicial foi favorável a entrega dos vagões relacionados como sucatas e qualificados em um processo no estado que misteriosamente ganhou sigilo com o número SEI 100006/000799/2024.

■ Com a decisão inicial que aceitou os 116 vagões por um milhão, um guindaste de uma empresa de Duque de Caxias, começou retirando dois vagões por dia do depósito denominado XM5 da Supervia, com autorização da Central. Com a decisão do Juiz Calafate Brito, em 11 de junho, os vagões pararam de ser retirados, mas o trabalho dos serralheiros continuou. A Central terá de apresentar em juízo

a íntegra do processo do SEI, pelos sinais de irregularidades na avaliação do bem do estado, entregue por um valor 16 vezes inferior ao valor de mercado dos equipamentos.

■ Os 116 vagões aceitos como pagamento da ação indenizatória feita a pessoas simples e de uma hora para outra apareceu carretas e guindastes para a remoção, em uma operação milionária.

■ O presidente da Central é Fabricio Abilio, homem de confiança de Washington Reis. O processo de adjudicação foi montado passando pela Procuradoria Geral do Estado; Casa Civil; e pela própria governadoria, como se fosse um grande negócio para o governo, sem revelar as nuances de um negócio milionário que envolve empresas de sucatas e reciclagem.

■ Para um conhecido advogado que teve acesso ao processo e aos embargos: "A justiça foi usada pela gestão de Washington Reis para que 116 vagões de trens, com valor de mercado de R\$ 16 milhões, fossem entregues a operadores do mercado por uma ínfima parte do valor, é de uma enorme ousadia."

■ A própria justiça é quem está agora colocando lupa e barrando o negócio.



Fotos Cláudio Magnavita



O Painel Panorama das Concessões e Parcerias Público-Privadas no Rio reuniu o presidente da Cedae, Aguinaldo Ballon; o diretor-presidente da Águas do Rio, Anselmo Leal; e o diretor-presidente da Light, Alexandre Nogueira



O diretor-presidente da Light, Alexandre Nogueira



Aguinaldo Ballon, presidente da Cedae



O secretário da Casa Civil do RJ, Nicola Miccione, que participou do Painel Investimentos no Rio de Janeiro



Anselmo Leal, diretor-presidente da Águas do Rio



A diretora da Aegea, Tatiana Cariús, com o diretor-presidente da Águas do Rio, Anselmo Leal; e o subsecretário da Casa Civil do RJ, Cássio Castro



O prefeito de Maricá (RJ), Washington Quaqué, durante o Painel Desenvolvimento e Legado dos Royalties do Petróleo

Brasil Investment Summit (BIS) promove conexões estratégicas entre Brasil e Portugal

O Centro Cultural de Belém (CCB), em Lisboa, foi palco, na quinta-feira, 3 de julho, do Brasil Investment Summit (BIS), um evento de destaque voltado à promoção de oportunidades de negócios e investimentos entre o Brasil e Portugal.

Com a presença de autoridades do Estado do Rio de Janeiro, o BIS reuniu líderes empresariais, investidores, representantes de governo e especialistas de diversos setores para uma jornada de painéis interativos, debates estratégicos e networking de alto nível.

O evento teve como ob-

jetivo aprofundar o diálogo econômico entre os dois países, destacar setores prioritários para investimento — como infraestrutura, energia, tecnologia, turismo e economia verde — e fortalecer a imagem do Brasil como destino seguro e atrativo para investimentos internacionais.

O BIS é uma realização da Backstage em parceria com a Bandnews Fm e a Band TV

Rio que reafirma o papel de Portugal como ponte estratégica entre o Brasil e a Europa, e uma plataforma para estreitar laços institucionais e empresariais entre os países lusófonos.



O prefeito de Maricá (RJ), Washington Quaqué (e) com Gonçalo Rebelo de Almeida, do grupo Vila Galé; José Alexandre Almeida; e Arlen Pereira, secretário de Maricá



O Brasil Investment Summit (BIS), com a presença de autoridades e empresários do Estado do Rio, foi realizado no Centro Cultural de Belém (CCB), em Lisboa

Fernando Molica

Lula recupera o espírito de João Ferrador

Desde o filme de campanha de Dilma Rousseff em que a também candidata Marina Silva era acusada de, com de suas propostas, tirar comida da mesa das famílias, que o PT não jogava tão pesado. Tocada em várias frentes, a blitz contra a resistência do Congresso Nacional ao governo mostra que o jogo agora é outro.

É como se Lula ressuscitasse o João Ferrador, personagem de história em quadrinhos criado, no início dos anos 1970, pelo jornalista Felix Nunes, da Tribuna Metalúrgica, jornal do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo. Sempre de boné e macacão, com frequência irritado, Ferrador tinha como mote a frase "Hoje eu não tou bom!".

Concialador desde os tempos de sindicalista, o presidente parece ter percebido que a batalha contra o Congresso foi perdida — as tradicionais concessões feitas em mandatos anteriores não são mais suficientes para garantir alguma governabilidade. Acuado, trocou o Lulinha Paz e Amor pelo espírito de João Ferrador. Na mudança, não vacilou em usar estratégias inspiradas nas utilizadas pelo seu principal antagonista.

Em 2018, o bolsorismo deixou atordoada a esquerda que ainda acreditava num modelo tradicional de campanha eleitoral, focada em alianças partidárias, na divulgação de dossiês e em ataques contra os adversários baseados em de-

núncias publicadas na imprensa e mensagens de esperança.

Alinhada com um movimento que já manifestava em diversos países, a extrema direita brasileira mandou às favas qualquer tipo de comedimento, usou de maneira profissional e competente as redes sociais para espalhar não apenas acusações, mas mentiras deslavadas.

Jair Bolsonaro não vacilou ao, no Jornal Nacional, distorcer o conteúdo de um livro voltado para o público infantojuvenil: não valia mais o escrito, mas o que era falado, o conteúdo que boa parte do eleitorado queria escutar. Acusações falsas, sempre presentes em campanhas, ganharam, com as redes sociais, uma dimensão industrial, avassaladora.

Bolsonaristas entenderam a lógica das fake news — o importante era fornecer sangue a cidadãos dispostos a acreditar em qualquer tipo de acusação ao inimigo. As notícias fraudulentas atuam na lógica religiosa, em que a fé substitui qualquer necessidade de comprovação.

Irritadas com a crise econômica, revoltadas com as notícias de corrupção propagadas pela Lava Jato, milhões de pessoas queriam vingança, tinham prazer em odiar. Daí o fervor com que eram recebidas tantas mentiras. Pouco adiantavam desmentidos e o trabalho de agências de checagem. Bolsoristas acreditam num complô da esquerda mundial, algo que incluía comunistas, banqueiros,

ecologistas, jornalistas, todos, eles sim, envolvidos na missão de enganar. Os desmentidos, portanto, seriam produzidos por esse mesmo suposto consórcio, e não deveriam ser levados em conta.

A máquina do ódio e da desinformação fez horas extras na pandemia — exaltou a cloquiquina, desacreditou as vacinas e as medidas de isolamento social, classificou de falso o sofrimento de doentes, questionou a veracidade de imagens de covas abertas às pressas e lado a lado nos cemitérios. Muita gente morreu em consequência desse tipo de terraplanismo.

Sem outra saída, com popularidade em queda, preocupado com a migração de aliados na

direção da provável candidatura à Presidência do governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, o governo jogou o time no ataque e recuperou bandeiras tradicionais do PT e da esquerda.

O jeito João Ferrador voltou ainda mais agressivo, passou a ser incorporado em vídeos que, apesar do DNA em comum, são assinados por diferentes autores: os mais leves, pelo governo; os mais agressivos, pelo PT; os que chutam o balde, como os que chamam o presidente da Câmara, Hugo Motta, de Hugo Nem Se Importa, têm como pais entidades de origem nebulosa. O governo jogou o time pro ataque, corre o risco de tomar bola nas costas, mas não quer morrer calado.